

Revista de Ensino de Geografia

ISSN 2179-4510

www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ARTIGO

O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO GEÓGRAFO E A IMPORTÂNCIA DOS BARCOS REGIONAIS PARA SUA REALIZAÇÃO EM CURSOS NO AMAZONAS

Camila de Oliveira Louzada¹
Armando Brito da Frota Filho²

RESUMO

No estado do Amazonas os alunos de Geografia realizam boa parte dos trabalhos de campo em barcos regionais pelos rios da região. O presente trabalho teve como objetivo demonstrar como o trabalho de campo contribui para a formação dos geógrafos, através das experiências vivenciadas pelos graduandos em Geografia das turmas de 2008 e 2009 da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica e realização de entrevistas com perguntas abertas. Teve como resultados: a) a percepção unânime que os entrevistados consideram o trabalho de campo na graduação em Geografia como uma atividade extremamente importante que proporciona ao graduando visualizar os fenômenos estudados e compreendê-los na prática; b) os trabalhos de campo realizados em barcos regionais permitem a oportunidade de experienciar outra realidade, que pode ser até desconhecida pelos alunos que residem nas cidades; c) os barcos permitem acesso a lugares inalcançáveis por meio do transporte rodoviário, principalmente no Amazonas. Diante disso, o presente trabalho ousou propor uma ficha para a prática do trabalho de campo, visando o melhor aproveitamento das práticas de campo, tão importantes na formação do geógrafo.

Palavras-chave: Trabalho de campo. Barcos regionais. Formação do geógrafo.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Ceará-UFC. E-mail: profcamilalouzada@gmail.com

² Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. E-mail: armandofrota.filho@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A ciência geográfica tem suas origens fortemente enraizadas na descrição da paisagem, eternizada nas obras do naturalista Alexander Von Humboldt e suas descrições detalhadas das paisagens em suas viagens, assim como os experimentos por ele executados (JUSTEN-ZANCANARO, CARNEIRO, 2012, p. 50).

O trabalho de campo, para não ser somente empirismo, deve articular-se à formação teórica que é também indispensável. É nesse sentido que Fontana e Cruz (1997) e Suertegaray (1999) apontam que é no campo que a teoria e a *práxis* se integram, junto à realidade estudada.

O trabalho de campo é tanto uma forma de ensino-aprendizagem quanto de pesquisa, uma vez que consiste de diversas atividades e metodologias a serem realizadas na área de estudo, tendo como escopo o reconhecimento detalhado da área, com fins de aquisição de dados, amostras e validação de dados secundários, documentais e cartográficos.

Outro ponto a ser salientado é que o trabalho de campo é uma forma de aproximar e costurar o tecido geográfico esgarçado pela dicotomia Geografia Física e Geografia Humana, uma vez que nas aulas de campo podem ser observados conceitos tanto físicos como humanos em ação, coexistindo e se inter-relacionando para compor as diversas paisagens encontradas.

Nesse sentido, autores como Santos (1999), Compiani (2002; 2007), Suertegaray (1999) Veiga *et al.* (2010), Silva (2011) e Louzada e Frota Filho (2017) afirmam que é no campo onde observa-se as diversas relações que compõem a paisagem ou sistema em ação, da mesma forma que é a melhor forma de observar-se as relações entre sociedade-natureza/natureza-sociedade.

E este é um fator marcante na questão do ensino-aprendizagem, pois quebra-se a noção de “caixinhas” dos conteúdos, observa-se o mundo em sua plenitude, e como bem advoga Paulo Freire (1996) o professor não é o único detentor de conhecimentos, e sim um mediador, que deve valorizar a bagagem de vivência do aluno. Dessa forma, os alunos podem desenvolver seus conhecimentos com base nas suas próprias percepções, pois o conhecimento é mais bem absorvido quando o aluno tem contato direto com a realidade.

Assim, Cioccari (2013) descreve a importância do trabalho de campo no aprendizado de crianças, pois ajuda na elucidação dos desafios, acelerando o raciocínio com as contribuições dos conhecimentos cognitivos e construindo novos conhecimentos.

No trabalho de campo há a relação entre o conhecimento teórico adquirido em sala de aula e por meio da pesquisa bibliográfica com a prática, ou seja, é nesse momento prático,

chamado de *práxis* que o conhecimento do pesquisador é posto em prática na sua totalidade, permitindo que este observe a composição da sua área de estudo e os fluxos que a compõem, podendo assim gerar *insights*, dúvidas ou mesmo respostas para perguntas realizadas em sala de aula.

Diante disso, o presente artigo teve como objetivo demonstrar como o trabalho de campo contribui para a formação dos geógrafos, através das experiências vivenciadas pelos graduandos em geografia das turmas 2008 e 2009 da Universidade Federal do Amazonas – UFAM e da Universidade do Estado do Amazonas– UEA, e ousou propor uma ficha de campo visando um melhor aproveitamento das práticas de campo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi baseada na revisão bibliográfica assim como na aplicação de questionários com perguntas abertas, direcionadas a todos os graduados em geografia nos anos de 2012 e 2013, totalizando 85 graduados, das instituições Universidade Federal do Amazonas – UFAM e Universidade Estadual do Amazonas – UEA.

No que se refere à execução dos trabalhos de campo, é válido mencionar que os mesmos são realizados em colaboração entre vários professores tanto da geografia física e humana e mesmo as de caráter mais instrumental como cartografia e sensoriamento remoto. Por esta razão, a quantidade de alunos varia, tendo entre 30 a 45 alunos por campo, sendo que são duas turmas por ano (matutino e noturno), não havendo distinção entre licenciados e bacharéis. Os trabalhos de campo referidos neste estudo ocorreram nos anos de 2009 e 2010, nos dois semestres de cada ano. No primeiro semestre houve a interface entre geomorfologia, geografia agrária, geografia da população e cartografia temática. Enquanto no segundo semestre houve a colaboração entre geomorfologia fluvial, geografia urbana e sensoriamento remoto.

O presente trabalho foi produzido a partir das respostas recebidas, que tinham como objetivo colher o posicionamento dos graduados em Geografia sobre o papel do trabalho de campo na formação do geógrafo. As perguntas abertas foram: “O que você achou dos trabalhos de campo durante a graduação em Geografia?”; “O que você aprendeu com os trabalhos de campo? Explique.”; “Na sua opinião, o trabalho de campo é importante na formação do geógrafo? Por quê?”; “Na sua opinião, o que seria um bom trabalho de campo para a graduação em Geografia?”; “Você acha que o trabalho de campo deve ser excluído do

currículo da graduação?”. E a última pergunta foi: “Na sua opinião, qual a importância de utilizar barcos regionais nos campos de geografia?”

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ab’Saber (2005) afirmou que é preciso lembrar que ninguém escolhe o ventre, a localização geográfica, a condição socioeconômica e a condição sociocultural para nascer. Nasce onde o acaso determinar. Por isso, temos que cuidar de todos aqueles que estão em todos os recantos deste país.

Para cuidar de todos os recantos, como sabiamente Ab’Saber (2005) disse, é preciso conhecer/reconhecer os lugares ao qual estamos inseridos. Nesse sentido o trabalho de campo foi apresentado como uma ferramenta metodológica norteadora do ensino-aprendizagem na formação dos futuros geógrafos, contextualizado em ambientes informais, que no caso foram as viagem de barco realizadas pelos rios Amazonas e Solimões no estado do Amazonas, com o objetivo de expor aos alunos situações reais, seja dos processos dinâmicos fluviais dos rios, seja das populações rurais residentes às margens dos rios, principalmente ribeirinhos.

Para Marconi *et al.* (1999) *apud* Cioccari (2013), o trabalho de campo deve ser apoiado em dois métodos, o dedutivo que:

[...] tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão. Usa o silogismo, construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira logicamente decorrente das duas primeiras, denominada de conclusão. Assim, podemos almejar uma forma de trabalho de campo que se aproxima destas concepções. Este trabalho teria como principais características o planejamento minucioso, o olhar da professora como instrutora e transmissora de conteúdos e conhecimentos e, o trabalho de campo como mera ilustração do conhecimento transmitido teoricamente. (MARCONI *et al.* *apud* CIOCCARI, 2013, p. 24).

Já o indutivo, a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta. As constatações particulares levam à elaboração de generalizações, parte da observação assistemática, sem um prévio planejamento e controle, onde o sujeito é colocado frente a frente com o objeto de estudo ou aspectos da realidade (MARCONI *et al.* *apud* CIOCCARI, 2013, p. 24).

3.1 Trabalho de campo com barcos regionais no Amazonas

O questionário foi enviado para todos os graduados em 2012 e 2013 das duas instituições de ensino superior no Amazonas, todavia, somente 17 pessoas responderam, totalizando 20% do total de graduados em Geografia. No que tange aos egressos que responderam à pesquisa, tanto da UFAM quanto da UEA, em sua maioria são licenciados, sendo: 6 licenciados, 2 bacharéis, 1 especialista, 4 mestres, 4 doutorandos. Atuavam como professores de ensino fundamental e/ou médio, em escolas particulares e/ou privadas. Os bacharéis, atuavam em atividades profissionais de caráter mais técnico e como consultores.

Tanto no caso dos geógrafos professores como os bacharéis, o conhecimento da ciência geográfica como um todo ajuda no melhor desenvolvimento de suas atribuições. O distanciamento destes profissionais da academia e seu tempo no mercado de trabalho servem como forma de balizar a percepção e avaliação referente ao trabalho de campo com barcos regionais.

De modo geral, ficou visível nas respostas dos entrevistados que o trabalho de campo foi de grande importância para o desenvolvimento acadêmico e da formação dos entrevistados. E no caso do uso de embarcações regionais, o que se apresenta como mais proeminente é o fato da possibilidade de se observar uma realidade diferente do urbano, presenciar fenômenos de ordem natural, social e cultural simultaneamente e como se relacionam nas margens dos rios (Figura 1 e 2).



Figura 1: Furo natural esculpido pela dinâmica natural do rio. Fonte: Fotos dos autores (2012).



Figura 2: Área de deposição do rio. Fonte: Fotos dos autores (2017).

Os entrevistados foram perguntados sobre seus posicionamentos em relação ao trabalho de campo durante a graduação em geografia? E responderam que;

Os trabalhos de campos são atividades chaves na formação do Geógrafo, uma vez que eles possibilitam uma leitura do espaço mediante atividades empíricas e práticas, funcionando como uma ação consolidadora dos conceitos discutidos no âmbito acadêmico. (Entrevistado A, 2018)

Muito proveitoso, estimulantes e desafiadores pois observamos na prática o que estudamos na teoria. (Entrevistado B, 2018)

Trabalho de Campo é um instrumento facilitador da aprendizagem, através dela pude observar a relação entre sociedade e natureza, análise das paisagens, o lugar, a região e o território, tanto o espaço produzido pelas sociedades rurais e urbanas e ribeirinhas. Como já dizia Suertegaray, "A pesquisa de campo constitui para o geográfico um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o sujeito." (Entrevistado D, 2018)

É possível observar pelas respostas dos entrevistados que o trabalho de campo é fundamental para a formação do geógrafo, levantando questões sobre a necessidade de pôr em prática conteúdos de sala de aula no mundo real. Contudo, o ponto mais interessante foi levantado pelo Entrevistado L, que afirma que os campos mais proveitosos são aqueles com professores geógrafos, o que pode levar a indagação que, mesmo com a dicotomia entre

geografia humana e geografia física, os professores geógrafos tendem a desenvolver as relações entre aspectos naturais e sociais com maior facilidade que professores não-geógrafos.

Perguntados sobre qual o aprendizado que tiraram do trabalho de campo, os entrevistados responderam que:

Não é possível estudar alguns temas da Geografia sem a pesquisa de campo. Como no caso das disciplinas da geografia física. (Entrevistado B, 2018).

Eu pude aprender que a geografia se faz junto com teoria e prática, que o homem e o ambiente se complementam e a suma importância de ouvir e conhecer o outro. (Entrevistado H, 2018)

Primeiro, a complexidades das relações sociedade-natureza espacialidades nas formas e feições do espaço geográfico. Compreendi as dinâmicas naturais de troca de matéria e energia em diferentes ambientes naturais, dos litorâneos aos interioranos, além dos resultados da interação antrópica sobre o meio natural que resultam em fixos processuais e históricos. (Entrevistado A, 2018)

Perguntados sobre qual a importância do trabalho de campo na formação do Geógrafo, responderam que;

As atividades teóricas fomentam uma formação intelectual necessária na caminhada acadêmica do geógrafo. Contudo, as vivências e práticas de campos são facilitadoras na compreensão dos conceitos e fundamentos da Geografia, sendo indispensável na consolidação de conhecimentos, contextualização e generalização dos princípios geográficos. (Entrevistado A, 2018)

Sim. Porque o faz compreender toda a formação do homem e do meio em que vive. (Entrevistado K, 2018)

Sim. Pois mesmo a Geografia Humana, necessita da vivência, do conhecimento da realidade, da relação entre os objetos e fatores.(Entrevistado H, 2018)

As respostas também auxiliam a corroborar o que autores como Suertegaray (1999) e Compiani (2002; 2007) dissertam sobre os trabalhos de campo como ferramentas de fomento para o desenvolvimento do aluno e do geógrafo em formação. E em um nível mais sensível, o confronto entre realidades permite e permitiu aos alunos uma maior compreensão da realidade de outros, como pôde ser observado na fala do Entrevistado H, quanto à segunda pergunta: “Eu pude aprender que a geografia se faz junto com teoria e prática, que o homem e o ambiente se complementam e a suma importância de ouvir e conhecer o outro.” (Entrevistado H)

Na quarta pergunta os entrevistados foram indagados sobre o que seria um bom trabalho de campo e, por unanimidade, desejam que os trabalhos de campo fossem mais práticos, como aponta um entrevistado: “Um trabalho no qual todos os alunos possam participar da prática, não apenas olhar.” (Entrevistado G)

Ou ainda, um que apresente uma visão mais holística, para além das caixas da ciência e dos muros das universidades e que auxilie no desenvolvimento tanto pessoal quanto da comunidade, como afirmaram dois entrevistados:

Um campo de estudo sobre a apropriação do conhecimento tradicional do meio (Entrevistado D, 2018)

Aquele que oportuniza o crescimento não só acadêmico, mas também pessoal, humano, que possa trazer um resultado consistente que desperte ainda mais o querer pelo trabalho de campo. (Entrevistado H, 2018)

Outras falas importantes, se referem ao retorno que os alunos e a universidade devem dar às comunidades e à sociedade:

A difusão de cada trabalho realizado com aplicabilidade. (Entrevistado E, 2018)

“O que tivesse como resultado um retorno não somente para os estudantes, mas também para sociedade. (Entrevistado I, 2018)

Analizar o entorno da universidade e, proporcionar aos graduandos uma imersão no mundo rural do País. (Entrevistado C, 2018)

Perguntados se o trabalho de campo deveria ser excluído da graduação, as respostas foram unânimes e favoráveis à permanência do trabalho de campo na grade curricular de Geografia. A última pergunta foi, “Na sua opinião, qual a importância de utilizar barcos regionais nos campos de geografia?”, sobre a qual destacamos duas respostas:

Utilizar barcos no trabalho de campo, permite a oportunidade de experienciar integralmente outra realidade, que até pode ser desconhecida pelos alunos que residem nas cidades (Entrevistado A, 2018).

Os barcos são os únicos meios de locomoção na maior parte da Amazônia, por que não utilizá-los e proporcionar uma experiência marcante para os alunos de geografia? (Entrevistado I, 2018)

Fundamentando essa percepção dos graduados em Geografia, Tocantins (1964) já descrevia os rios da Amazônia como protagonistas, tendo o poder sobre o modo de vida do homem e que “comandam a vida no anfiteatro Amazônico” (TOCANTINS, 1964, p. 64). O

autor ainda destaca a importância do regime das águas amazônicas sobre o modo de vida dos povos da floresta.

Os rios da Amazônia são como veias de sangue da planície, caminho natural dos descobridores, [...] a fonte perene do progresso, [...] asseguraram a presença humana, embelezaram a paisagem, fazem girar a civilização - comandam a vida no anfiteatro amazônico. (TOCANTINS, 1964, p. 64).

Diante disso, e haja vista que a maior rede de circulação de pessoas na Amazônia é pelos rios, devido a toda a geo-história atrelada a esse meio de transporte, nada mais lógico do que utilizar os barcos regionais nos trabalhos de campo da Geografia, para que os alunos possam visualizar processos (físicos e humanos) da geografia nas margens dos rios.

Há de se considerar o panorama político-econômico atual, que leva a diversos cortes nos repasses de recursos financeiros às universidades públicas e, com isso, as práticas de campo e particularmente os trabalhos de campo de disciplinas do curso de graduação tendem a ser reduzidos, ou no pior dos casos, extintos. Então, com base nas informações coletadas na literatura e nas entrevistas com geógrafos atuantes, o trabalho de campo é uma prática extremamente necessária na formação do geógrafo, e não deve ser negligenciada ou esquecida.

3.2 Ficha para trabalho de campo

Prodanov e Freitas (2013, p. 67) argumentam que “como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico”, corroborando com a perspectiva de que trabalho de campo nasce no gabinete, visto a necessidade de planejamento e logística e operacionais que assegurem a execução das tarefas programadas (MARQUES, 1996).

Para Ross, Fierz e Vieira (2011), a pesquisa de campo pode ser dividida em dois ramos: (i) um no qual há o foco é a observação e descrição, mais precisa e completa possível, o que inclui coleta de amostras para análises posteriores em laboratório; (ii) o que é definido por ensaios e experimentos em campo. Contudo, o trabalho de campo pode ser utilizado para a validação e corroboração de dados secundários ou mapas.

A proposta de uma ficha de campo é direcionada para observação e descrição das paisagens e pode ou não incluir coleta de amostras para as análises posteriores em laboratório, dependendo dos objetivos previamente estabelecidos. Esta proposta justifica-se pela necessidade relatada pelos entrevistados de que seria ideal ter um roteiro para uso em campo, contendo o que deveria ser observado e de forma a possibilitar assimilação do maior número

de informações no trabalho de campo. Assim, a partir de proposta de Souza *et al.* (2002), propomos uma ficha de campo para o trabalho com graduandos em Geografia (Figura 3).

I- Caracterização Geral														
Formação geológica	Forma do Relevo	Tipo de Solo	Tipo de vegetação	Características Hidrográficas	Formas de Ocupação	Redes de circulação								
II- Uso atual, Problemas e Riscos, Indicadores de degradação														
Tipo de uso:		Problemas e Riscos		Indicadores de degradação										
Agricultura familiar ()		- Floresta: () desmatamento e queimadas; () processos erosivos; () retirada de madeira. - Rios: () despejo de resíduos doméstico; () assoreamento; () retirada de área.		() Supressão da vegetação () terraplanagem do solo; () compactação do solo; () erosão; () diminuição da fertilidade; () colmatagem dos fundos de vales; () baixa capacidade de resiliência dos sistemas naturais () alterações drásticas dos componentes naturais.										
Monocultura ()														
Pecuária ()														
Mineração ()														
Áreas Protegidas ()		- Solos: () exposto; () processos erosivos presentes; () compactação.												
Outras ()														
III- Capacidade de suporte e vulnerabilidade														
Potencialidades	Limitações		Vulnerabilidades											
() Disponibilidade de recursos hídricos; () solos férteis; () regularidade climática; () atividades compatíveis; () baixa susceptibilidade à erosão;	() restrições legais; () solos com baixa fertilidade; () atividades econômicas incompatíveis; () processos erosivos ativos () topografia desfavorável; () processos naturais ativos.		- () Baixa: Condições ambientais com ecodinâmica medianamente estável e relativa permanência do material pedogenético em função da fitoestabilização. - () Moderada: Condições ambientais com ecodinâmica em transição função do balanço morfogênese (retirada de materiais de alteração e terraplanagem do solo). - () Alta: Condições ambientais com ecodinâmica fortemente instável, com processo de lixiviação muito acentuado, com pouca ou quase nada de cobertura vegetal.											
IV – Testes e ensaios														
Coleta de amostras de solo e água		Testes <i>in loco</i>												
		Solo		Água										
Análises em campo e laboratório		Testes de resistência a penetração; Testes de capacidade de infiltração; Teste com cisalhômetro;		Teste para avaliar turbidez da água; Uso de ecobatímetro; Medição de vazão e velocidade da água.										

Figura 3: Ficha proposta para trabalho de campo com graduandos em Geografia. Fonte: Souza *et al.* (2002). Adaptado por Louzada e Frota Filho (2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de campo é uma das ferramentas mais antigas no arsenal dos geógrafos, sendo utilizado desde da coleta de dados às verificação e validação dos mesmos. Foram por meio de trabalhos de campo que Humboldt, considerado o pai da Geografia, no século XVIII descreveu com riqueza de detalhes as descobertas científicas em suas viagens pelo mundo. Foi ele o primeiro a afirmar também que a “a terra é um imenso organismo vivo, no qual tudo estava conectado” (WULF 2016, p. 25).

No cenário brasileiro, o mesmo pode se dizer do renomado geógrafo Aziz Ab'Saber, que devido a seu profundo conhecimento teórico e prático, associado aos diversos trabalhos de campo realizados em sua carreira, foi capaz de desenvolver grandes paradigmas, com destaque para a classificação dos “domínios morfoclimáticos do Brasil” e o conceito de refúgios. Os trabalhos de campo também auxiliaram grandes geógrafos como Antônio Christofeletti a melhor explanar a relação sistêmica que é intrínseca à natureza, ou mesmo na abordagem da Climatologia Geográfica, de Carlos Augusto Monteiro.

No que concerne ao uso de barcos regionais no Amazonas, destacam-se os trabalhos do grande geomorfólogo Hilgard O'Reilly Sternberg, que escreveu "A água e o homem na várzea do Careiro", no qual explicita a dinâmica fluvial dos rios Solimões e Amazonas e as relações do homem ribeirinho com o rio.

Não há geógrafo sem campo, porém, nem só de trabalhos de campo um geógrafo é feito. Nessa tônica, ressalta-se que mesmo esta ferramenta sendo fundamental, o trabalho de campo não é o fim, e sim o meio para o processo de uma pesquisa geográfica ou o desenvolvimento do geógrafo como profissional, seja ele bacharel ou licenciado.

E essa é uma questão que foi amplamente observada tanto nas discussões bibliográficas quanto pelas entrevistas, no qual há unanimidade em falar que o trabalho de campo não pode ser extinto da matriz curricular dos cursos de Geografia, posto que proporciona ao graduando visualizar os fenômenos estudados e compreende-los na prática. Nesse sentido, o uso de barcos regionais para os trabalhos de campo realizados pelos estudantes de Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), proporciona uma oportunidade “talvez única”, de vivenciar/experimentar outra realidade, onde o rio comanda na Amazônia realmente a vida das populações que vivem no seu entorno.

Os barcos permitem chegar a lugares inalcançáveis por meio do transporte rodoviário, principalmente no estado do Amazonas, onde os rios são as veias de circulação da planície, são através deles, que podemos chegar a furos, paranás, corredeiras, podendo visualizar os processos dinâmicos de modelagem das margens, seja erodindo a montante, seja depositando/ sedimentando a jusante, podemos visualizar o processo de adaptação do ribeirinho na reprodução do seu modo de vida, vivendo nas áreas de várzea da região.

USE OF REGIONAL BOATS IN THE GEOGRAPHY GRADUATION COURSE FIELD WORK: THE IMPORTANCE IN FORMACION THE GEOGRAPHY IN AMAZONAS

ABSTRACT

In the state of Amazonas, geography students do much of the fieldwork on regional boats along the rivers of the region. The present work aimed to demonstrate how the fieldwork contributed to the formation of geographers, through the experiences lived by the undergraduate students in geography of the 2008 and 2009 classes, from the Federal University of Amazonas-UFAM and the State University of Amazonas-UEA. The methodology used was the literature review and interviews with open questions. The results were: a) the unanimous perception that respondents consider fieldwork in undergraduate studies in geography as an extremely important activity, which provides the undergraduate student with a view of the phenomena studied and their understanding in practice; b) fieldwork carried out in regional boats, allows the opportunity to experience another reality, which may even be unknown to students residing in cities; c) boats allow access to unreachable places by road, especially in the Amazon. Given this the present work dared to propose a form for the practice of field work, aiming at the best use of field practices, so important in the formation of the geographer.

Keywords: Fieldwork. Regional boats. Geographer formation.

REFERÊNCIAS

CIOCCARI, Carmen Cândida. **Ensino de geografia e o trabalho de campo: construindo possibilidades de ensino e aprendizagem sobre o espaço urbano e rural em Júlio de Castilhos, RS.** Dissertação em Geografia, pela Universidade Federal de Santa Maria, 2013. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/ppggeo/images/ccc.pdf>. Acessado em Agosto de 2018.

COMPIANI, M. Ensaios de interdisciplinaridade no ensino fundamental com geologia/geociências. In: PONTUSCHKA, N.; OLIVEIRA, A. (org.). **Geografia em Perspectiva**. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002, p. 125-133.

COMPIANI, M. O lugar e as escalas e suas dimensões horizontal e vertical nos trabalhos práticos: implicações para o ensino de ciências e educação ambiental. **Ciência e Educação** (UNESP), v. 13, p. 29-45, 2007

FONTANA, R.; CRUZ, M. N.. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: atual, 1997.

JUSTEN-ZANCANARO, Rosangela; CARNEIRO, Celso Dal Ré. Trabalhos de campo na disciplina Geografia: estudo de caso em Ponta Grossa, PR. **Revista Terra**, v. 9, n.49, p. 49-60, 2012. Disponível em: <<https://www.ige.unicamp.br/terrae/V9/PDFv9/Trabalhos%20de%20campo.pdf>>. Acessado em Agosto de 2018.

LOUZADA, Camila de Oliveira; FROTA FILHO, Armando Brito. Metodologias para o ensino de geografia física. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 8, n. 14, p. 75-84, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/397>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

MARQUES, J. S. Ciência Geomorfológica. In: GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da.(Org.). **Geomorfologia**: exercícios, técnicas e aplicações. 1ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996, p. 25-56.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2^a ed. Editora Feevale, 2013.

ROSS, J. L. S.; FIERZ, M. S. M. ; VIERA, B. C.. Técnicas de Geomorfologia. In: VENTURI, Luis Antonio Bittar. (Org.). **Geografia**: práticas de campo, laboratório e sala de aula. 1^a ed. São Paulo: Editora Sarandi, 2011, p. 29-54.

SILVA, Armando Corrêa. Natureza do trabalho de campo em Geografia Humana e suas limitações. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 1, p. 49-54, 2011.

SOUZA, Marcos José Nogueira; SANTOS, Jader de Oliveira; OLIVEIRA, Vládia Pinto Vidal. Sistema Ambientais e capacidade de suporte na bacia hidrográfica do rio Curu-Ceará. **Revista Continentes**, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, 2012. Disponível em: <tiagomarino.com/continentes/index.php/continentes/article/download/10/9>. Acessado em Setembro de 2018.

SUERTEGARAY, D. M. A. Notas sobre epistemologia da Geografia. In: **Cadernos Geográficos**, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 1 (Maio 1999) Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

TOCANTINS, Leandro. **O Rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro. 4^o ed., 1964.

VEIGA, Léia Aparecida; DA SILVA, Andresa Lourenço; ALIEVI, Alan Alves. Ensino de geografia: trabalho de campo e análise da paisagem urbana1. In: Simpósio Paranaense de Estudos Climáticos II e Semana de Geografia XIX. *Anais...* Maringá-PR, 2010.

WULF, Andrea. **A invenção da natureza:** a vida e as descobertas de Alexaner Von Humbold/ Andrea Wulf. Tradução Renato Marques. 1º Ed. São Paulo-SP: Editora Planeta, 2016.

Recebido em 28/04/2020.

Aceito em 06/11/2020.